

Sherry Thomas

PROMESSAS DE AMOR

Tradução
Maria João da Rocha Afonso

*Quinta Essência**

O marquês de Vere era um homem de poucas palavras. Tal facto espantaria toda gente, exceto alguns amigos seletos e conhecidos especiais de entre os muitos que tinha. O consenso geral era que Lorde Vere falava. E falava. E falava. Não havia assunto na Terra, por mais exótico ou abstruso, sobre que não se aventurasse a emitir uma opinião, ou mesmo dez, sempre com o maior entusiasmo. Para dizer a verdade, ocasiões havia em que ninguém conseguia evitar que pontificasse sobre aquela recém-descoberta classe de substâncias químicas a que deram o nome de Pré-Rafaelitas ou sobre os curiosos hábitos gastronómicos das tribos de pigmeus do interior da Suécia.

Lorde Vere era também um homem que guardava os seus segredos com o maior cuidado.

Se alguém fosse iludido ao ponto de ousar dar voz a tal afirmação, ver-se-ia rodeado de damas e cavalheiros rebolando-se no chão a morrer de riso. E tudo porque era crença generalizada que Lorde Vere não conseguia distinguir um segredo de um porco-espinho. Não só era tagarela, como, por iniciativa própria, divulgava as informações mais íntimas antes de pensar duas vezes.

De bom grado relatava as suas desventuras na corte que fazia a jovens damas: era rejeitado logo de início e com grande frequência, não obstante a sua posição de par do reino. Sem a

menor hesitação declarava o estado das suas finanças, apesar de se ter descoberto que não fazia a mínima ideia do valor dos fundos postos à sua disposição, atuais e futuros, tornando as suas conjecturas altamente inconsequentes. Ele até se aventurava – claro que não no meio de uma companhia mista – a comentar o tamanho e grossura do seu atributo masculino: invejável em ambos os parâmetros, tendo as medidas sido confirmadas pela experiência das alegres viúvas que o procuravam para esporádicas incursões entre lençóis.

Por outras palavras, Lorde Vere era um idiota. Não um idiota alucinado, uma vez que a sua sanidade raras vezes fora posta em causa. E não tão estúpido que não fosse capaz de atender às suas necessidades quotidianas. Era, isso sim, um idiota divertido, tão ignorante e inchado como uma almofada, palerma até mais não, mas simpático, inofensivo e muito apreciado pelos Dez Mil da Alta¹ pela diversão que proporcionava, bem como pela sua incapacidade de se lembrar de qualquer coisa que alguém lhe dissesse e que não afetasse as suas refeições, o seu sono de beleza, ou o orgulho e alegria que habitavam a sua roupa interior.

Não era capaz de dar um tiro a direito e as balas que disparava só por acidente acertavam numa perdiz. Raras vezes falhava em fazer girar maçanetas e alavancas ao contrário do que devia. E como o seu dom em estar no local errado à hora errada era lendário, ninguém pestanejou quando se soube que fora testemunha de um crime, sem ter a menor ideia do que vira, com toda a certeza.

Nos treze anos que se seguiram ao infeliz acidente de cavalo mostrara-se um idiota tão extraordinário que ninguém que não estivesse familiarizado com as suas atividades mais clandesti-

¹ Expressão criada em 1852 por Nathaniel Parker Willis, um poeta americano, para descrever as classes altas de Nova Iorque e, por extensão de sentido, a de outras grandes cidades. (*N. da T.*)

nas notara a sua proximidade a alguns dos mais sensacionais casos criminais da alta sociedade, pouco tempo antes de serem resolvidos e os criminosos presentes à justiça.

Era uma vida interessante, para não dizer mais. Por vezes, os raros agentes da Coroa que conheciam o seu verdadeiro papel interrogavam-se quanto ao que sentiria por fazer figura de parvo durante a maior parte do tempo. Nunca descobriram porque era um homem de poucas palavras, que guardava os seus segredos com o maior cuidado.

É claro que nenhum segredo se mantém secreto para sempre... o início do fim do segredo de Lorde Vere resultou, literalmente, da emboscada de uma jovem senhora de linhagem questionável e métodos igualmente duvidosos.

Uma jovem senhora que, numa estranha reviravolta da fortuna, pouco tempo depois viria a ser a marquesa de Vere, sua esposa.

Os ratos foram ideia de Vere. Eram a sua noção de piada, para ser mais preciso.

Estava-se no final da temporada e Londres esvaziava-se. No início do dia, Vere fora despedir-se do irmão ao comboio, no dia seguinte, ele próprio iria para o Gloucestershire. Não havia época melhor do que o início de agosto para aparecer inocentemente numa mansão no campo para a qual poderia não se ter sido convidado... e afirmar que se fora. Bem vistas as coisas, o que era um convidado mais numa casa onde já vagueavam cerca de trinta?

Mas o encontro daquela noite prendia-se com Edmund Douglas, o eremita proprietário de minas de diamantes, suspeito de extorsão aos negociantes de diamantes de Londres e Antuérpia.

– Precisamos de uma forma melhor para entrar naquela casa – dissera Lorde Holbrook, o contacto de Lorde Vere.

Holbrook era uns anos mais velho que Vere. No tempo em que Oscar Wilde fora a celebridade literária mais importante do país, Holbrook usara o cabelo comprido e cultivara um certo ar de *ennui* intelectual. Agora que Wilde partira, em desgraça, para o exílio, o langor de Holbrook fazia-se acompanhar de um cabelo mais curto e de uma exibição de niilismo mais direta.

Vere serviu-se de uma fatia de bolo Saboia. O bolo era fofo e leve e tinha a consistência certa para aguentar uma colherada de compota de alperce. Holbrook conseguia manter os seus esconderijos – uma série de propriedades espalhadas por toda a cidade de Londres – bem abastecidos pelo que, quando um dos seus agentes necessitava de usar um deles, havia sempre boa bebida e tudo o que era necessário para um chá decente.

Na outra ponta da espalhafatosa sala de estar – esta casa em particular ficava em Fitzroy Square e fora em tempos habitada por uma série de amantes de vários homens –, Lady Kingsley chegava a ponta de um guardanapo ao canto dos lábios. Era uma morena bonita, mais ou menos da mesma idade que Holbrook, filha de um baronete e viúva de um cavaleiro.

As mulheres tinham vantagens enquanto agentes secretos. Vere e Holbrook viam-se forçados a assumir personagens diferentes do que eram, de forma a não serem levados a sério, necessidade imperiosa quando, em nome da Coroa, se andava a fazer perguntas acerca de assuntos delicados. Mas uma mulher, mesmo inteligente e capaz como Lady Kingsley, arranjava muitas vezes maneira de ser tida em pouca consideração sem mais motivo que por causa do seu sexo.

– Eu já te disse, Holbrook – afirmou. – Temos de usar a sobrinha de Douglas.

Holbrook, esparramado numa cadeira forrada a veludo vermelho e com uma franja dourada, deu um piparote no relatório mais recente do caso que tinha sobre o peito.

– Pensava que a sobrinha não saía de casa há anos.

– Precisamente. Imagina que és uma rapariga de vinte e quatro anos, que já ultrapassaste há muito a altura em que, como menina da sociedade, devias ter casado e estás isolada de toda a alegria e divertimento da sociedade que interessa. Qual seria a coisa que mais te tentaria?

– Ópio – respondeu Holbrook.

Vere sorriu e não disse nada.

– Não. – Lady Kingsley revirou os olhos. – Querias ter oportunidade de te encontrares com homens jovens solteiros, tantos quantos fosse possível enfiar debaixo de um mesmo teto.

– E onde, minha senhora, tencionas ir desencantar uma molhada de solteiros desejáveis? – perguntou Holbrook.

Lady Kingsley fez um leve gesto de repúdio com a mão.

– Essa é a parte fácil, reunir os engodos masculinos. O problema é que não posso aparecer em Highgate Court, sem mais nem menos, e apresentar os cavalheiros... já fez três meses que aluguei a casa mais próxima e ainda não consegui encontrar-me com ela.

– Posso? – Vere apontou para o relatório pousado no peito de Holbrook. O amigo atirou-lho. Vere apanhou-o e folheou-o.

A propriedade de Edmund Douglas, em que mantinha residência desde 1877, era uma mansão construída segundo as suas indicações. Por todo o país, havia centenas de novas casas parecidas, mandadas construir por proprietários donos de fortuna, ganha devido à prosperidade da Idade do Vapor.

Era uma propriedade bastante vulgar, mas, no entanto, revelara-se difícil entrar lá dentro. Um simples assalto não lograra resultados. Uma tentativa de infiltração no pessoal também não tivera sucesso. E, dada a fraca saúde de Mrs. Douglas, a família raras vezes convivia com a sociedade local, tornando inúteis as rotas para o presbitério socialmente mais aceitáveis.

– Arranje um desastre doméstico em sua casa – disse Lorde Vere a Lady Kingsley. – E fica com uma desculpa para a abordar.

– Eu sei. Mas estou hesitante em danificar o telhado, ou a canalização, de uma casa arrendada.

– E os teus criados não podem apanhar qualquer coisa horrível mas não infecciosa? – indagou Holbrook. – Um caso de diarreia generalizada?

– Tem juízo, Holbrook. Não sou farmacêutica e não vou envenenar o meu próprio pessoal.

– E que tal uma infestação de ratos? – sugeriu Lorde Vere, mais por piada do que por qualquer outra razão.

Lady Kingsley estremeceu.

– O que quer dizer com isso, uma infestação de ratos?

Lorde Vere encolheu os ombros.

– Solte uma ou duas dúzias de ratos na casa. Os seus convidados vão fazer uma gritaria, a pedir para serem evacuados. E os ratos não provocam danos permanentes na casa, desde que arranje alguém para os caçar com relativa rapidez.

Holbrook endireitou-se na cadeira.

– Mas que esplêndida ideia, meu caro. Dá-se o caso de conhecer um homem que cria ratos e ratazanas para abastecer os laboratórios científicos.

Tal não constituiu surpresa para Lorde Vere. Holbrook tinha à sua disposição uma grande variedade de contactos bizarros e de utilidade igualmente bizarra.

– Não. É uma ideia horrível – protestou Lady Kingsley.

– *Au contraire*, acho que é de puro génio – declarou Holbrook. – Dentro de duas semanas, Douglas viaja até Londres para se encontrar com o seu solicitador, não é verdade?

– Certo.

– Deve dar tempo suficiente. – Holbrook reclinou-se de novo na sua cadeira de veludo vermelho. – Considera-o feito.

Lady Kingsley fez uma careta.

– Odeio ratos.

– Pela rainha e pelo país, minha senhora – disse Lorde Vere, pondo-se de pé. – Pela rainha e pelo país.

Holbrook bateu com a ponta do dedo nos lábios.

– É interessante que tenha falado na rainha e no país, senhor: acabei de saber de uma chantagem sobre um certo membro da família real e...

Contudo, Lorde Vere já tinha abandonado a sala.

Duas semanas mais tarde

Miss Elissande Edgerton estava de pé à frente da mansão de Highgate Court. A chuva batia com força no seu guarda-chuva preto; um nevoeiro cinzento e frio cobria tudo exceto o caminho de acesso à casa.

Estavam em agosto, mas já parecia novembro.

Sorriu para o homem à sua frente.

– Tenha uma boa viagem, meu tio.

Edmund Douglas devolveu-lhe o sorriso. Para ele, esta fachada afetuosa não passava de um jogo.

Nesta casa não há choradeiras, percebes, minha querida Elissande? Põe os olhos na tua tia. Não é suficientemente forte ou inteligente para sorrir. Queres ficar como ela?

Logo aos seis anos, Elissande soubera que não tinha o menor desejo de vir a ser como a tia, aquele espetro pálido e lacrimoso. Não percebia a razão do choro da tia. Mas sempre que as lágrimas da tia Rachel se soltavam, sempre que o tio passava o braço sobre os ombros da mulher e a conduzia para o quarto dela, Elissande esgueirava-se para fora da casa e corria para tão longe quanto se atrevia, com o coração aos sal-

tos de medo, repulsa e uma fúria que a queimava como carvão ardente.

Portanto, aprendera a sorrir.

– Muito obrigado, minha querida – respondeu Edmund Douglas.

Contudo, ele não fez menção de entrar na carruagem que o aguardava. Gostava de prolongar as despedidas – ela suspeitava que o tio sabia muito bem o quanto ela ansiava por que se fosse. Elissande alargou o sorriso.

– Trata bem da tua tia enquanto eu estiver fora – disse ele, levantando o olhar para a janela do quarto da mulher. – Sabes como me é preciosa.

– Claro, meu tio.

Ainda a sorrir, ela inclinou-se para lhe dar um beijo na face, controlando a sua aversão com uma mestria que lhe apertou a garganta.

Ele exigia esta demonstração de afeto perante os criados. Não era qualquer homem que conseguia esconder a sua vileza tão bem que enganava o seu próprio pessoal. Na aldeia ouviam-se rumores acerca das beliscadelas que o fidalgo Lewis dava em alguns traseiros ou acerca da água que Mrs. Stevenson misturava na cerveja que dava aos criados. Mas o único sentimento que circulava na aldeia em relação a Mr. Douglas era uma admiração uniforme pela sua paciência de santo, coitado, já que Mrs. Douglas era tão frágil e não totalmente certa de cabeça.

Ele acabou por subir para a carruagem. O cocheiro, enrolado na sua capa, fez estalar as rédeas. As rodas rangeram na gravilha molhada do caminho. Elissande ficou a acenar até a carruagem dobrar a curva; então, deixou cair o braço e esqueceu o sorriso.

Vere nunca dormia tão bem como num comboio em andamento. Na sua vida, houvera ocasiões em que apanhara o

Expresso Especial Escocês, entre Londres e Edimburgo, sem outra razão que não as oito horas de sono sem sonhos que lhe proporcionava.

A viagem até ao Shropshire levava menos de metade do tempo e implicava várias mudanças de comboio. Mesmo assim, apreciou-a: fora provavelmente o bocado que mais apreciara desde as sextas que dormira a caminho do Gloucestershire, ido de Londres, onde passara as duas semanas anteriores a recuperar um plano de contingência para uma invasão que o Ministério dos Negócios Estrangeiros «perdera», não se sabia como. Uma missão delicada, considerando que o alvo do plano era o Sudoeste Africano, na posse dos alemães e, no mínimo, as relações com a Alemanha andavam tensas.

Cumprira a sua missão sem o mais pequeno indício de escândalo internacional. Contudo, o prazer que retirou do seu sucesso foi contido. Levava aquela vida dupla em busca da justiça e não para safar idiotas que não conseguiam guardar documentos sensíveis longe do perigo.

Mas, mesmo quando os casos alimentavam a sua fome de justiça, ainda assim a sua satisfação era oca, durava pouco, o pálido brilho das brasas que estavam prestes a transformar-se em cinza, e era seguida de uma exaustão que perdurava algumas semanas.

Um vazio que nem o sono mais profundo, mais reparador, era capaz de apagar.

A carruagem que Lady Kingsley enviara para o ir buscar atravessou com rapidez vários quilómetros de paisagem campestre verdejante. Já não estava capaz de dormir e ainda não queria pensar no seu próximo caso. Era verdade que o estado geral de reclusão de Edmund Douglas necessitara de uma invulgar dose de planeamento, mas a investigação não passava de mais uma numa carreira recheada de casos pouco ortodoxos que a polícia local não podia resolver e de que, muitas vezes, nem sequer tinha conhecimento.

Olhou pela janela, para o exterior. Em vez de prados bem tratados, ainda molhados da chuva mas rebrilhantes sob um sol da tarde recém-aparecido, viu uma paisagem totalmente diferente: vagas que se desmoronavam, penhascos altos, a charneca vermelha da urze em flor. À sua frente, estendia-se um carreiro que ia até ao alto da encosta; uma mão, cálida e firme, segurava a sua.

Conhecia o carreiro. Conhecia os penhascos, a charneca e o mar, as costas de Somerset, do Norte do Devon, e da Cornualha eram locais excepcionalmente bonitos que visitava tantas vezes quantas podia. A mulher que lhe segurava a mão, contudo, existia apenas na sua imaginação.

Mas ele conhecia os seus passos leves e ágeis. Conhecia a sua saia de lã grossa: restolhava suavemente ao ritmo do andar dela, num som que ele só conseguia escutar quando o ar estava parado e o caminho era alto, longe do estertor das vagas. E conhecia a linha da nuca dela, por baixo do chapéu de aba larga que lhe protegia a pele do sol. Muitas vezes pusera o seu casaco sobre os ombros dela, quando o dela se mostrara pouco adequado ao tempo frio e instável da costa.

Ela era uma caminhante infatigável, uma amiga serena e, durante a noite, uma amante complacente e doce.

As fantasias são como prisioneiros, têm menos probabilidades de se revoltarem se lhes for concedida uma dose sensata de exercício controlado. Portanto, ele evocava-a com alguma frequência: quando não conseguia dormir, quando estava demasiado cansado para pensar em qualquer outra coisa, quando temia regressar a casa após semana atrás de semana a desejar silêncio e solidão. Ela só tinha de pousar a mão no braço dele, num toque pleno de calor e compreensão, e ele ficava bem, o seu cinismo acalmava-se, a sua solidão amenizava-se, os pesadelos eram esquecidos.

Era suficientemente lúcido para não lhe dar um nome ou imaginar a sua aparência física até ao mais ínfimo pormenor,

desta forma, era-lhe possível fingir que, um dia, acabaria por encontrá-la num canto discreto de uma sala de baile profusamente iluminada e pejada de gente. Mas *era* suficientemente fraco para ter imaginado o sorriso dela, um sorriso de tal perfeição e encanto que ele não conseguia impedir-se de ficar feliz na sua presença. Ela não sorria muitas vezes, porque ele também não conseguia ser feliz com grande frequência, mesmo que em imaginação. Mas, quando ela sorria, o que sentia no seu coração era como ter de novo seis anos e estar a correr para o oceano pela primeira vez.

Todavia, naquele dia, ele não queria emoções, mas uma companhia calma. Por isso, caminharam juntos, por um caminho que trilhava sozinho na vida real. Na altura em que a carruagem atravessou os portões de Woodley Manor, a propriedade que Lady Kingsley arrendara, ele estava de pé ao lado dela nas ruínas do castelo do rei Artur, com a mão pousada nas costas dela, olhando para os carneirinhos de espuma no mar, lá no fundo.

E poderia ter ali ficado durante bastante tempo – ele era bastante bom a dizer olás e adeus enquanto se mantinha no seu mundo de sonho – não fora ver o irmão à frente da casa, a acenar-lhe.

Aquilo trouxe-o bruscamente de volta à realidade.

Saltou da carruagem, tropeçando na bengala. Freddie amparou-o.

– Cuidado, Penny.

Quando respirara pela primeira vez, Vere já era visconde de Belgrave. Aos dezasseis anos, por morte do pai, tornara-se marquês de Vere. Com exceção da mãe, já falecida, de alguns amigos de longa data e do irmão, ninguém usava a alcunha, um diminutivo de Spencer, o seu nome de batismo.

Abraçou Freddie:

– Como vai isso, meu velho?

Era raro Vere pensar que se estava a meter em perigos. As investigações que fazia não exigiam armas e a sua personagem

pública protegia-o de suspeitas indevidas. Mas nunca tivera Freddie por perto quando se preparava para dar início a um caso.

Freddie era a única coisa que *correra* bem na vida de Lorde Vere. O rapaz ansioso que, em tempos, o preocupara crescera e era agora um belo homem, de vinte e oito anos: o mais esplêndido homem de entre todas as relações de Lorde Vere.

O homem mais esplêndido das relações de qualquer pessoa, pensou, com um orgulho absurdo.

Duas semanas no campo tinham avermelhado a pele clara de Freddie e aclarado os caracóis louros vários tons. Ele apanhou a bengala que Vere deixara cair e, discretamente, endireitou a gravata do irmão, que andava sempre torta uns trinta graus.

– O Kingsley perguntou-me se eu queria vir visitar a tia dele. Disse que sim quando soube que tu também tinhas sido convidado.

– Não sabia que os Wrenworth tinham convidado o Kingsley para casa deles.

– Bem, eu não estava em casa dos Wrenworth. Saí de lá na quinta passada e fui para casa dos Beauchamp.

E lá devia ter ficado. Não obstante a substancial ausência de perigo corporal que a sua atividade implicava, Vere teria ficado mais satisfeito se não tivesse Freddie por perto.

– Pensava que gostavas imenso de estar com os Wrenworth. Porque te vieste embora tão cedo, desta vez?

– Oh, não sei – Freddie desenrolou as mangas de Vere, que ele, não raras vezes, mantinha enroladas a alturas diferentes. – Estava a apetecer-me uma mudança de cenário.

Isto deu uma pausa a Lorde Vere. Não costumava associar Freddie a inquietação, a menos que ele estivesse preocupado com qualquer coisa.

Um grito do tipo donzela-encontra-dragão soou na calma bucólica.

– Valha-me Deus, o que vem a ser isto? – exclamou Vere, com uma muito credível nota de surpresa na voz.

A pergunta teve vários gritos por resposta. Miss Kingsley, a sobrinha de Lady Kingsley, correu para fora de casa a guinchar a plenos pulmões. E chocou em cheio com Lorde Vere, ele tinha um talento excepcional para se meter no caminho das pessoas.

Agarrou-a.

– O que se passa, Miss Kingsley?

Miss Kingsley debatia-se, tentando libertar-se da mão dele. Por um instante, parou de gritar, mas foi apenas para inspirar de novo. A seguir, escancarou a boca e emitiu o guincho mais demoníaco que Vere alguma vez escutara.

– Dá-lhe um estalo – implorou a Freddie.

Freddie ficou chocado.

– Não posso bater numa mulher!

Por isso, Vere bateu. Miss Kingsley parou de gritar e perdeu energia. Ofegante e a piscar os olhos, olhou para ele com um olhar vago.

– Miss Kingsley, está bem? – perguntou Freddie.

– Estou... estou... meu *Deus*, os ratos, os ratos...

E irrompeu em soluços.

– Segura-a. – Vere atirou-a para os braços mais amáveis e compassivos de Freddie.

Correu para dentro de casa e imobilizou-se no meio do vestíbulo. Uma ou duas dúzias de ratos, fora o que dissera a Holbrook. Mas havia *centenas*, correndo como riachos ao longo de paredes e corredores, trepando pelos corrimãos e descendo pelos cortinados, derrubando um grande vaso de porcelana, que tombou com estrondo, enquanto Vere ficou ali, paralisado, a um tempo revoltado e fascinado com o que via.

– Saiam da minha frente!

Kingsley, o sobrinho de Lady Kingsley, apareceu a correr, de espingarda na mão. No preciso momento em que cruzava o centro do vestíbulo um ratinho saltou do candelabro.

– Kingsley, por cima de ti! – gritou Vere.

Demasiado tarde. O rato aterrou na cabeça de Kingsley. Kingsley gritou. Lorde Vere atirou-se para o chão ao mesmo tempo que a espingarda de Kingsley disparava.

Kingsley gritou outra vez.

– Raios, está dentro do meu casaco!

– Não chego nem perto de ti se não pousas imediatamente a espingarda! E não atires com ela, que pode disparar outra vez.

– Aaaaahh! – Com um baque surdo, a espingarda caiu no chão. – Ajuda-me!

Contorcia-se violentamente, como se fosse a marioneta de um louco. De um salto, Vere chegou perto dele e arrancou o casaco de Kingsley.

– Acho que está dentro do colete. Deus do céu, não deixes que se enfie dentro das minhas calças!

Vere rasgou em dois o colete de Kingsley. E lá estava o bicharoco, preso nos suspensórios do rapaz. Vere agarrou-o pela cauda e atirou-o para longe, antes que conseguisse virar-se e morder-lhe.

Kingsley saiu disparado porta fora, em mangas de camisa. Vere abanou a cabeça. De uma sala à sua esquerda vinham mais gritos. Avançou naquela direção com rapidez, abriu a porta e, de imediato, teve de se agarrar à parte de cima da porta, e tirar os pés do chão, quando uma torrente de ratos passou por si a correr.

Lady Kingsley, três jovens senhoras, dois cavalheiros e um laçao estavam de pé em cima da mobília, sobre um oceano de ratos, duas das senhoras gritavam que nem possessas e Mr. Conrad acompanhava-as com igual entusiasmo e volume. Lady Kingsley, empoleirada em cima do piano, usava a estante de música para atacar com violência qualquer rato que se atrevesse a trepar para a sua ilha de segurança. O laçao, de aticador de lareira em punho, defendia as jovens senhoras.

Quando um número suficiente de ratos tinha já abandonado a sala, Lorde Vere ajudou os sitiados hóspedes de Lady Kingsley a sair dos seus lugares elevados. Miss Beauchamp tremia tanto que ele teve de a carregar para o exterior.

Quando voltou, deu com Lady Kingsley de pé, apoiada à parede com uma mão e com a outra sobre o abdómen e os dentes cerrados com força.

– Está bem, minha senhora?

– Penso que não vou ter de me esforçar muito para ter um ar aflito quando for falar com Miss Edgerton – disse numa voz que pouco mais era do que um sussurro. – E o Holbrook é um homem morto.

– No ponto mais elevado do planalto está a capelinha de Santa Maria del Soccorso, onde um alegado eremita tem um livro de visitas e vende vinho. Daquele ponto, a vista é especialmente bonita e esmagadora. O precipício é absolutamente vertical e, em todas as direções, a linha da costa é de uma beleza absoluta...

Elissande via-a com toda a nitidez: a ilha de Capri, elevando-se, qual sereia, do Mediterrâneo. Ela própria, caminhando ao longo dos penhascos abruptos, com o cabelo a voar ao vento e um ramo de cravos selvagens na mão. Nenhum som, com exceção do mar e das gaivotas, ninguém a não ser os pescadores que, lá no fundo, remendavam as redes e nenhuma outra sensação que não a clareza e serenidade de uma liberdade completa e absoluta.

Por pouco não conseguiu apanhar a tia quando ela deslizou do seu assento na retrete para o chão.

Tinham já passado mais de quarenta e oito horas desde que a tia Rachel evacuara pela última vez – efeitos de uma existência de inválida. À força de lisonjas, Elissande persuadira a tia a sentar-se durante um quarto de hora a seguir ao almoço,